



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO – IFPE, *Campus Recife***

DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CURSOS SUPERIORES – DACS

COORDENAÇÃO DE TURISMO – CATU

CURSO SUPERIOR TECNOLÓGICO EM GESTÃO DE TURISMO

LUCIANO VICTOR DA SILVA SANTOS

**TURISMO PEDAGÓGICO VIRTUAL: PROPOSTA DE UMA COREOGRAFIA
DIDÁTICA DE ELABORAÇÃO DE ROTEIROS VIRTUAIS PARA ESCOLAS.**

RECIFE

2022

LUCIANO VICTOR DA SILVA SANTOS

**TURISMO PEDAGÓGICO VIRTUAL: PROPOSTA DE UMA COREOGRAFIA
DIDÁTICA DE ELABORAÇÃO DE ROTEIROS VIRTUAIS PARA ESCOLAS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento Acadêmico de Cursos Superiores – DACS como requisito final para obtenção do grau do Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE.

Orientador: Prof^a Ma. Maria Carolina Bello.

RECIFE

2022

Ficha elaborada pela bibliotecária Danielle Castro da Silva CRB4/1457

S237t
2022

Santos, Luciano Victor da Silva

Turismo pedagógico virtual: proposta de uma coreografia didática de elaboração de roteiros virtuais para escolas. / Luciano Victor da Silva Santos. --- Recife: O autor, 2022.

66f. il. Color.

TCC (Curso Superior Tecnológico em Gestão de Turismo) – Instituto Federal de Pernambuco, Departamento Acadêmico de Cursos Superiores. - DACS, 2022.

Inclui Referências e anexo.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Carolina Bello.

1. 1.Turismo. 2. Educação. 3. Turismo pedagógico. 4. Roteiros virtuais. I. Título. II. Bello, Maria Carolina (orientadora). III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 338.4791(21ed.)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores – DACS

**TURISMO PEDAGÓGICO VIRTUAL: PROPOSTA DE UMA COREOGRÁFIA
DIDÁTICA DE ELABORAÇÃO DE ROTEIROS VIRTUAIS PARA ESCOLAS.**

Projeto aprovado como requisito final do trabalho de conclusão do curso Superior Tecnológico em Gestão em Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, para obtenção do título de Tecnólogo.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Maria Carolina Bello – IFPE

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cristiane Lucia da Silva – IFPE

Examinador interno

Prof. Dr. André Falcão Durão – UFPE

Examinador externo

Recife, ____ de _____ de ____.

Para Maria Luyza, Ingridy e Jão Luiz

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todos os meus guardiões espirituais.

A minha orientadora, a Profa. Ma. Maria Carolina Bello, por me guiar no percurso de construção deste trabalho e me aproximar da área da educação, a qual tenho muito apreço e paixão. Agradeço também aos professores do curso de graduação em Gestão de Turismo do IFPE, bem como a todos os servidores e funcionários da instituição, em especial as professoras Bruna Galindo Moury Fernandes e Flávia Viviana Cavalcanti Gonçalves que acreditaram no meu potencial mesmo diante das minhas dificuldades.

Aos professores que aceitaram o desafio de utilizar e testar minha proposta.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso por fazerem parte da minha trajetória acadêmica. Aos amigos que fiz fora da instituição, por me ouvirem quando falei sem parar deste trabalho.

A todo apoio que recebi durante a graduação e a produção do trabalho de conclusão de curso: dos meus pais, do meu companheiro, da minha "boadrasta" e de vovó, em memória, que sempre sonhou com meu crescimento acadêmico e profissional.

Por fim, agradeço àqueles que são responsáveis por eu nunca desistir: Maria Luyza, Ingridy Victoria e João Luiz, meus irmãos. Eu amo vocês!

RESUMO

O turismo é considerado por muitos estudiosos uma ferramenta capaz de mitigar problemas presentes nas sociedades capitalistas. Para além de seu papel no desenvolvimento econômico, este fenômeno social resulta na preservação cultural e ambiental dos locais onde há exploração turística. Considerando que a educação é vista como uma das principais responsáveis pelo processo de mudança social, entende-se que sua associação ao turismo traz benefícios para ambas as áreas e a sociedade como um todo. Portanto, o presente trabalho buscou desenvolver uma coreografia didática capaz de auxiliar professores na elaboração de roteiros virtuais de turismo pedagógico através de um material de apoio utilizando o conceito de coreografia didática, visando que o processo de elaboração dos roteiros possa se assemelhar a produção de uma aula, oferecendo, assim, praticidade aos docentes. Buscou-se, também, tornar democrática a utilização da proposta, observando as múltiplas realidades escolares. A metodologia teve caráter quantitativo, tendo a pesquisa bibliográfica como principal meio de obtenção de dados e conceitos sobre os quais o produto final foi construído. O marco teórico conta com conceitos de turismo, roteirização, educação, ensino híbrido, tecnologias da informação e comunicação e metodologias didáticas. A proposta foi apresentada a professores dos ensinos fundamental e médio que, por sua vez, testaram o método através da elaboração de um plano de aula utilizando roteiros turísticos virtuais como estratégia de ensino. A opinião dos docentes ajudou a observar pontos que podem ser alterados no projeto e, principalmente, a entender se é possível levá-lo para a sala de aula.

Palavras-chave: Turismo. Educação. Turismo pedagógico. Roteiros virtuais.

ABSTRACT

Tourism is considered by many scholars to be a tool capable of mitigating problems present in capitalist societies. In addition to its role in economic development, this social phenomenon results in cultural and environmental preservation of the places where there is tourist exploitation. Considering that education is seen as one of the main responsible for the process of social change, it is understood that its association with tourism brings benefits to both areas and to society as a whole. Therefore, the present work sought to develop a didactic choreography to help teachers in the elaboration of virtual tours for educational tourism through a support material using the concept of didactic choreography, so that the process of elaboration of the tours can be similar to the production of a class, thus offering practicality to the teachers. We also tried to make the use of the proposal democratic, observing the multiple school realities. The methodology had a quantitative character, with bibliographical research as the main means of obtaining data and concepts on which the final product was built. The theoretical framework includes concepts of tourism, scripting, education, hybrid teaching, information and communication technologies, and didactic methodologies. The proposal was presented to elementary and high school teachers who, in turn, tested the method by developing a lesson plan using virtual tourist routes as a teaching strategy. The opinion of the teachers helped to observe points that can be changed in the project and, mainly, to understand if it is possible to take it into the classroom.

Keywords: Tourism. Education. Educational tourism. Virtual tourist routes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escolas com acesso à internet.....	30
Figura 2 – Escolas com acesso à internet.....	31
Figura 3 – Exemplo de Thread parte 1.....	39
Figura 4 – Exemplo de Thread parte 2.....	40
Figura 5 – Exemplo de Thread parte 3.....	40
Figura 6 – Post no instagram estilo carrossel parte 1.....	41
Figura 7 – Post no instagram estilo carrossel parte 2.....	42
Figura 8 - Post no instagram estilo carrossel parte 3.....	42
Figura 9 – Post no facebook.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. EDUCAÇÃO, TURISMO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	15
2.1. EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	15
2.2. TURISMO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	16
2.3. TURISMO PEDAGÓGICO	19
2.4. ROTEIRIZAÇÃO	21
3. EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA	23
3.1. ENSINO HÍBRIDO	23
3.2. METODOLOGIAS ATIVAS	24
3.3. USO DAS TICS E NA EDUCAÇÃO	25
3.3.1. O papel do professor.....	27
3.3.2. A escolha das tecnologias.....	28
3.4. ESTRUTURA TECNOLÓGICA DAS ESCOLAS BRASILEIRAS	29
4. COREOGRAFIAS DIDÁTICAS	33
4.1. DESENHO DE UMA COREOGRAFIA DIDÁTICA PARA ROTEIRO DE TURISMO PEDAGÓGICO VIRTUAL	35
4.2. MATERIAL DE APOIO	37
5. METODOLOGIA	44
6. ROTEIROS ELABORADOS PELOS DOCENTES	47
6.1. ROTEIRO ELABORADO PELO DOCENTE 1	47
6.2. ROTEIRO ELABORADO PELA DOCENTE 2	48
6.3. ROTEIRO ELABORADO PELO DOCENTE 3	49
7. REFLEXÕES SOBRE A PROPOSTA	52
8. CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIA	58
ANEXO A – FORMULÁRIO	64

1. Introdução

O conceito de turismo é amplamente discutido, contando com múltiplas definições. A definição mais aceita é da Organização Mundial do Turismo (OMT), que conceitua o fenômeno como a locomoção de pessoas para o exterior do seu entorno habitual, por um tempo que não supere 60 dias, com objetivos de lazer, negócios etc (OMT 2001, apud KNUPP 2015). O turismo também pode ser compreendido sob três aspectos: 1. O econômico, entendendo a atividade apenas pela ótica empresarial; 2. O técnico, procurando regular o mercado do turismo ao caracterizar, por exemplo, turistas e visitantes; e o aspecto 3. Holístico, abarcando o fenômeno turístico em sua totalidade, voltando-se sempre para o personagem principal, o turista (BENI 2007). Deste modo, é possível visualizar a pluralidade das visões a respeito da compreensão acadêmica do que é turismo, fazendo jus a sua abrangência.

É inegável a relevância do tema já que é fato amplamente abordado pelas organizações mundiais e representado em concordância pelo discurso político como uma alternativa aos problemas econômicos. Os vários setores sociais apontam o turismo como sendo a saída para a resolução de problemas típicos do sistema capitalista, como, por exemplo, desemprego e má distribuição de renda (DANTAS; MELO 2011). A OMT (2021, p. 17) corrobora a importância da atividade quando defende que ela seja desenvolvida com o objetivo de “contribuir para o desenvolvimento econômico, a compreensão internacional, a paz, a prosperidade, respeito universal e a observância dos direitos humanos e liberdades fundamentais para todos”. Assim, fica evidente a relevância da prática turística para a solução ou mitigação dos problemas sociais.

Como diversos outros setores, o turismo pode ser dividido em vários segmentos. Sua segmentação pode ser compreendida principalmente pela lógica do mercado. Segundo Lage (1992), segmentar é agrupar indivíduos que possuem os mesmos interesses e a segmentação no mercado turístico é importante sobretudo do ponto de vista do marketing, uma vez que, delimitando e identificando o público-alvo, os trabalhos de publicidade são mais eficazes. Alguns exemplos são o turismo cultural, turismo de base comunitária e o ecoturismo.

Outro exemplo de segmento turístico é o turismo pedagógico ou científico, sendo este a junção de turismo e educação. Mesmo sendo uma atividade relativamente nova no Brasil, viagens com propósitos pedagógicos datam dos séculos XVII e XVIII quando a elite do Reino Unido realizava as chamadas *grand tuor*, deslocamentos com fins educacionais (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012). O turismo entra em cena quando a educação necessita ser repensada e reformulada, buscando um novo significado para as escolas, visto que, este segmento proporciona uma nova visão sobre os conteúdos abordados em sala e vem ganhando notoriedade no ambiente escolar por seu perfil inovador (RODRIGUES; ALVES 2014; JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012). Silveira et al. (2008) confirmam o turismo pedagógico como uma metodologia inovadora quando defendem a sua utilização. Segundo elas, o objetivo do ensino é proporcionar oportunidades didáticas para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma clara, interessante e global.

O ensino híbrido mescla vários espaços, tempos, atividades, metodologias e públicos (MORAN 2015), sendo um dos maiores exemplos, a interligação entre os ambientes físico e cibernético. Sousa, Moita e Carvalho (2011, p. 18) afirmam que “as ferramentas e mídias digitais oferecem à didática, objetos, espaços e instrumentos capazes de renovar as situações de interação, expressão, criação, comunicação, informação e colaboração.” nota-se então, que a utilização dessas ferramentas torna-se cada vez mais necessária.

Seguindo esta linha de pensamento, o turismo pedagógico conversa com os conceitos de ensino híbrido, uma vez que, a atividade se difere das metodologias tradicionais. Já explorado pelas escolas de maneira presencial, na maioria das vezes sendo chamado de visita técnica, este segmento pode e deve ir além. Tendo em vista o avanço tecnológico e a evidente contribuição dos meios digitais para a educação, o turismo se apresenta, também, de formas mais modernas com os roteiros virtuais que já são uma realidade para o setor. Com o passar dos anos e com o advento da tecnologia, agências de turismo e até mesmo equipamentos turísticos como os museus passaram a utilizar a internet como meio de divulgação e informação. Para além disso, a utilização da Realidade Virtual (RV), vem ganhando força devido à maior proximidade da geração atual com o ciberespaço. A RV emite

uma ideia de modernidade, tecnologia, avanços científicos e até mesmo de futurismo.

A chegada da RV possibilitou uma interação diferente entre turistas e destinos turísticos, uma vez que viajar, virtualmente falando, para lugares longínquos sem sair de casa, tornou-se uma possibilidade. A professora de geografia da USP, Adyr A. B. Rodrigues (2011), conceitua a diferença entre espaço e lugar, ao explicar que lugar só pode ser assim denominado quando o indivíduo o experiencia e confirma isso quando diz que espaços longínquos se transformam em lugares pela experiência domiciliar simulada. Além de despertar interesse das novas gerações, é possível facilitar o acesso a destinos turísticos através da utilização da internet.

Contudo, é de suma importância levar em consideração as diversas realidades do Brasil, país de dimensões continentais e com grande níveis de desigualdade social. Bacich (2016) fala sobre as dificuldades de introduzir o ensino híbrido nas escolas brasileiras quando leva em consideração a discrepância entre suas estruturas tecnológicas, posto que, existem instituições de ensino com um uso frequente e até obrigatório por parte dos professores, outras onde a utilização é facultativa e até aquelas sem nenhuma utilização. Isso se dá não só pela falta de estrutura nas escolas mas, em alguns casos, também pela falta de conhecimento tecnológico por parte dos docentes.

Com a pandemia do Coronavírus em 2020 e o isolamento social, o uso das tecnologias foi forçadamente maximizado na maioria dos setores da sociedade, sobretudo na educação. A crise sanitária obrigou uma adaptação por parte dos docentes, discentes e da atividade turística, concentrando principalmente nos aparelhos tecnológicos e na internet. Segundo Silva et al. (2020), a atual conjuntura expôs ainda mais o desequilíbrio no sistema educacional do Brasil, já que, os problemas estruturais presentes na educação pública foram agravados com a instauração do regime de Educação a Distância (EaD). Ainda de acordo com os pesquisadores, vários obstáculos puderam ser percebidos, como dificuldades de acessar as aulas, a necessidade de compartilhar os dispositivos móveis com familiares, a carência de recursos e o despreparo de docentes, discentes e responsáveis.

É importante salientar que para viver numa sociedade cada vez mais informatizada, os alunos precisam ter acesso as tecnologias e aprederem a utilizá-las de maneira resposável. Segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC 2021), de 2019 a 2020, houve um aumento no número de casas com acesso a internet: enquanto em 2019 o número chegava a 71%, no ano seguinte chegou a 83%, com aproximadamente 61,8 milhões de residencias. O Cetic estima que cerca de 152 milhões de brasileiros apartir dos dez anos de idade utilizam a internet. As principais atividades são “troca de mensagens instantâneas, as conversas e as chamadas de voz ou vídeo e o uso das redes sociais” (CETIC 2021, p. 28). Contudo, também houve aumento na procura por informações relacinadas à saúde, na execução de atividades financeiras, busca por serviços do governo e principalmente na utilização da internet para fins educacionais e profissionais.

Diante do exposto, convergir: turismo, tecnologia e educação, pode resultar na criação de uma forma de ensino capaz de despertar o interesse dos alunos e auxiliar o processo de ensino-aprendizagem. Os roteiros virtuais de turismo pedagógico são uma junção desses três elementos, mostrando-se como uma proposta inovadora e pertinente. O presente trabalho busca formatar uma metodologia de turismo pedagógico virtual que consiga alcançar o máximo de escolas possíveis, sejam elas particulares da rede pública, sendo portanto, de acesso democrático, tendo em vista as múltiplas realidades escolares no Brasil. Pretende-se levar uma representação do espaço turístico para a sala de aula e utilizar o turismo como ferramenta para melhoria da educação.

2. Educação e turismo como ferramentas de transformação social

2.1. Educação e transformação social

A educação como vemos hoje tem origem na Grécia, passando, por vários séculos, a história dos espartanos, atenienses e romanos e mesmo nas sociedades atuais, capitalistas e tecnologicamente desenvolvidas, o modelo de ensino sofreu pouca alteração em relação ao que estava posto em Atenas (BRANDÃO, 1989). É “um sistema pedagógico controlado por um poder externo a ele, atribuído de fora para dentro a uma hierarquia de especialistas do ensino, e destinado a reproduzir a desigualdade através da oferta desigual do saber” (BRANDÃO, 1989, p. 14).

Saber disso é importante para aprofundar a discussão sobre como a educação é desenvolvida no Brasil atualmente, uma vez que o sistema econômico nacional segue os moldes do capitalismo. Compreendendo este contexto é que surge a pergunta: de que maneira a educação pode ser utilizada como ferramenta de transformação social?

Nas sociedades capitalistas, a educação é utilizada como instrumento de perpetuação do poder das classes dominantes - proprietários dos meios de produção -, sobre grupos dominados - o proletariado -, expondo as desigualdades entre indivíduos na divisão de bens, direitos e do trabalho (BRANDÃO, 1989; SAVIANI, 2011). A classe dominante luta pela manutenção de seu poder sobre os oprimidos pois, segundo Freire (1987), reconhece apenas a si própria como humana e não legitima a humanidade do outro. Conseqüentemente, a classe operária enfrenta os problemas resultantes do sistema capitalista como desemprego, fome, falta de moradia etc.

Sabendo disso, estudiosos do campo da pedagogia vêm reafirmando nos últimos anos a capacidade da educação de transformar a realidade imposta pelo sistema aos mais pobres. Para Bonfim (2010), a educação é um método de intervenção no mundo, uma vez que, ao permitir que a classe trabalhadora tenha acesso ao conhecimento que traduz a ideologia dominante é possível fazer com que ela a questione. Este método é corroborado por Paulo Freire (1987) quando exprime a necessidade de uma pedagogia que leve o oprimido a refletir sobre a opressão a ele imposta, lhe dando assim, motivação para lutar pela liberdade.

Contudo, Brandão (1989) acredita que, pelo fato da educação ser uma invenção do ser humano, ela pode ser reinventada, refeita e colocada na sociedade de modo contrário a como é posta hoje em dia. Nosella (1983, apud SAVIANI, 2011), por sua vez, reforça a necessidade de substituir velhas técnicas educacionais por outras mais novas, evidenciando a importância de alterações no processo de planejamento dos conteúdos e métodos de ensino para alcançar a transformação social através da educação.

Entretanto, a mudança no sistema educacional brasileiro, e consequentemente na sociedade como um todo, requer uma discussão bem mais complexa, depende de vários outros fatores sociais e políticos. Os processos de desconstrução e construção das formas de ensino levam tempo, sendo necessário um “trabalho de formiguinha”, produzindo, aos poucos e coletivamente, novas formas de construir o saber.

Apesar disso, é através da educação que esses diálogos podem ser feitos. Investir no presente sistema de ensino ainda é a melhor forma de discutir, pensar e repensar alternativas para o próprio modelo educacional vigente. Seria equivocado dizer que a educação de hoje não traz benefícios para a sociedade, muito pelo contrário. Segundo Vasconcelos (2007, p.111), o ambiente escolar abre espaço para a compreensão de culturas e oferece “um horizonte mais amplo no qual a criança ou o jovem inscrevem as suas vidas. Daí a importância de uma educação da responsabilidade e do compromisso e, decorrentemente, a necessidade do compromisso social”. Além disso, a escola pública tem um importante papel para a cidadania, uma vez que, acolhe a todos (VASCONCELOS 2007). Sendo assim,

2.2. Turismo e transformação social

Para que o turismo aconteça, é preciso que haja o deslocamento de pessoas entre lugares, podendo ser feito, também, de forma virtual graças às novas tecnologias. Presencial ou virtualmente, o deslocamento característico da atividade turística depende do ser humano e suas múltiplas motivações para acontecer. Essa diversidade pode ser observada no contexto histórico do surgimento do turismo que, apesar de ser compreendido como fenômeno social recentemente, teve início por volta de 1000 a.C, de acordo com Ignarra (2013). O autor explica que as viagens

começaram a acontecer por motivos de saúde, com visitas às termas, no império romano; por motivos religiosos; e principalmente pela necessidade de fazer negócios entre os povos, esta, podendo ser observada nas viagens internacionais realizadas pelos fenícios com objetivo de obter alimentos, visto que sua região era inóspita para a agricultura.

É a partir dessas motivações e do crescimento da importância do turismo para a economia mundial que aparece a necessidade de segmentar o fenômeno. Trabalhado sobretudo como uma estratégia de marketing do mercado, os segmentos são inúmeros. Como exemplo podemos citar o ecoturismo, realizado em ambientes naturais e com grande relevância para a compreensão da necessidade de preservação do meio ambiente; o turismo cultural, baseado na apreciação de monumentos históricos, manifestações culturais e culinária local; turismo de negócios, que desloca turistas com demandas de trabalho pelo mundo, entre outros tantos segmentos.

Ao transportar diferentes pessoas, de diferentes culturas, por partes do globo, o turismo propicia a interconexão entre povos. Por este motivo, a OMT (2021) defende que o fenômeno turístico seja um dos responsáveis pelo desenvolvimento da paz, respeito e compreensão entre as nações. Além do mais, a exploração turística dos destinos, quando realizada de forma sustentável, é capaz de promover o desenvolvimento econômico local, transformando a realidade financeira das populações, instigando a preservação da cultura e do meio ambiente através da sensação de orgulho e pertencimento.

Nota-se o poder que o turismo tem de mudar realidades, dado seus aspectos capazes de alcançar tal objetivo. Em primeiro lugar, enquanto o turismo realizado pela elite tende à individualidade, o turismo de massas, feito pelos mais pobres, pretende democratizar o que antes era um sinalizador de distinção (FERNANDES, 2002), demonstrando, portanto, uma ruptura com um dos padrões impostos pelo sistema capitalista: a segregação.

Além disso, o grande impacto econômico nos destinos turísticos é nítido, como pontua Ignarra (2013). O setor de serviços - no qual o turismo se enquadra -, segundo informações de Coriolano (2012), emprega mais que a indústria. A melhora

na economia, especialmente em locais mais pobres – países subdesenvolvidos, periferias, cidades interioranas etc -, permite uma certa diminuição das desigualdades sociais. De fato, melhorar o poder aquisitivo da população possibilita uma melhor qualidade de vida, sobretudo em nações regidas pelo sistema capitalista. Além do mais, a atividade turística exige a implantação e manutenção de infraestrutura básica. Ao mesmo tempo que isso é feito para suprir as demandas do consumidor (IGNARRA, 2013), também beneficia os moradores viabilizando o acesso à serviços de saúde, saneamento e segurança, por exemplo.

Podemos notar isso na implantação do turismo em áreas rurais. O turismo rural é, de acordo com os estudos de Mariani (2012) sobre as mudanças socioeconômicas provocadas pela atividade na cidade de Miranda/MS, um dos principais métodos de desenvolvimento econômico dessas localidades. O estudo do autor verificou que há uma forte comercialização de produtos artesanais e que cerca de 57% dos gestores de empreendimentos locais consideram o turismo como muito importante para os negócios. Os dados coletados pelo pesquisador, bem como, as conclusões obtidas, evidenciam o real impacto do turismo sobre a economia, com efeitos percebidos inclusive pelos moradores.

Cabe reiterar, a partir do exposto, a força do turismo como ferramenta de transformação social. É sabido que tal fenômeno causa alterações ambientais e socioeconômicas pelo simples fato de ser explorado e, quando realizado de forma sustentável, maximiza resultados positivos. Entretanto, alguns desses resultados precisam ser observados: geração de emprego, valorização do meio ambiente e cultura local, conexão entre povos, além da implantação ou melhoria de infraestruturas básicas. Esses benefícios trazidos à população residente permite uma melhoria na qualidade de vida através da diminuição da pobreza e desigualdade social, minimizando os problemas impostos pelo sistema capitalista aos mais pobres. Tendo em vista que o turismo pode ser utilizado como ferramenta de transformação social e que a educação é um dos principais caminhos para que ela ocorra, como afirmam Novo e Mota (2019): “a educação muda o mundo. Através dela, um cidadão se torna mais crítico, tem mais oportunidades de emprego e melhoria na sua própria qualidade de vida”, cabe convergir essas duas áreas a fim de alcançar tal objetivo.

2.3. Turismo pedagógico

À junção de turismo e educação, damos o nome de turismo pedagógico (também denominado turismo científico ou educacional). Este segmento surge no Reino Unido em meados do século XVII e chega nas escolas da atualidade quando se percebe a necessidade de repensar as formas de ensino. O turismo educacional possibilita interligar, de maneira facilitada, teoria e prática, contribuindo com as relações de ensino-aprendizagem e estimulando o interesse dos estudantes (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012; RODRIGUES; ALVES, 2014; GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012).

Cardoso e Gattiboni (2015) analisam um projeto de turismo científico realizado numa escola de ensino fundamental e médio na cidade de Gravataí/RS. Segundo elas, o trabalho desenvolvido, que consistiu numa aula realizada em um espaço turístico escolhido pelos alunos, o Jardim Zoológico de Sapucaia do Sul, possibilitou enxergar o envolvimento dos discentes e sua facilidade em dar significado aos conceitos vistos em sala de aula a partir da observação e interação com o meio.

Para além de auxiliar na compreensão dos assuntos abordados pelos docentes, o turismo pedagógico desperta um novo olhar para o local de residência dos alunos, sua cultura e meio ambiente (GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012). Silveira et al. (2008), ao escreverem sobre turismo pedagógico na cidade de Dourados/MS, fizeram uma síntese do trabalho intitulado “Ensinar o Turismo para as Crianças das Escolas Públicas”, datado de 2007 e de autoria das próprias autoras. Segundo elas, o objetivo foi mostrar “o que é o turismo, como ele é desenvolvido, quais são os pontos turísticos importantes de Dourados, observando seu patrimônio e conscientizando sobre sua preservação e valorização” (SILVEIRA et al., 2008, p. 9). Ainda de acordo com as autoras, foram concebidas atividades recreativas conectadas às teorias. Percebe-se, portanto, a importância do turismo para o desenvolvimento educacional, para a preservação do meio ambiente, da cultura e da história.

Mesmo com os benefícios comprovados por estudiosos e diversas ações, o turismo pedagógico ainda é pouco trabalhado como metodologia de ensino. Com a

escassez de estudos e ações do segmento, é evidente a necessidade de se desenvolver mais trabalhos neste campo, aplicando, analisando e melhorando a metodologia com a finalidade de maximizar os ganhos para a educação e a sociedade como um todo.

É importante frisar que, apesar do que se imagina, o turismo científico não se baseia nos conhecidos “passeios” já realizados pelas escolas. Junqueira e Scremin (2012, p. 28) explicam que “as instituições muitas vezes programam passeios com o objetivo de promover um novo conhecimento, porém algumas vezes sem importância de um planejamento adequado.” A OMT (OMT, 2003, apud Valduga e Fernandes, 2016) reforça a necessidade de um planejamento por alguém especializado, bem como explicam Junqueira e Scremin (2012) ao discorrerem sobre a importância da participação do pedagogo e do turismólogo neste processo, evidenciando, portanto, a necessidade de um planejamento para que as visitas sejam realizadas de maneira a contribuir com a real aprendizagem dos alunos. Todavia, é importante lembrar que a prática do turismo pedagógico, vem trazer o lazer e a ludicidade para o processo de aprendizagem, dando a oportunidade de o discente aprender com prazer (CARDOSO; GATTIBONI, 2015).

Diante dos conceitos, dos exemplos e estudos expostos, além das reflexões feitas até aqui, percebe-se que convergir turismo e educação pode contribuir de maneira satisfatória para o desenvolvimento da sociedade, transformando a realidade da população. O turismo pedagógico se apresenta como uma metodologia capaz de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem facilitando a compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula, formando os alunos para que sejam seres humanos críticos e preparados para as demandas sociais. Se a educação muda o mundo, se o turismo pedagógico é uma metodologia capaz de facilitar a aprendizagem, os dois, juntos, formam uma poderosa equipe na luta pela transformação social.

2.4. Roteirização

Antes de propor um roteiro turístico, é importante levar em consideração sua definição e alguns elementos básicos. Segundo Silva (2017),

Um roteiro turístico pode ser definido como o itinerário planejado de uma atividade turística, que engloba a descrição pormenorizada dos atrativos e atividades dos destinos visitados, bem como o período de duração e a especificação dos horários e serviços inclusos. (SILVA, 2017, p.20)

Além disso, é interessante ter em mente o que se pretende mostrar com o itinerário, que história será contada. Algumas rotas visam divulgar a cultura de um determinado local, outras buscam oferecer ao turista um contato maior com a natureza. É possível encontrar, nas agências de turismo, roteiros de ecoturismo, turismo cultural e, inclusive, de turismo pedagógico. Sendo assim, há um esforço por parte do planejador para que os locais escolhidos tenham uma relação entre si. A execução de um roteiro conta uma história, desta forma, deve ser pensado começo, meio e fim.

Para isso, ter em mãos um inventário dos recursos presentes na região na qual se pretende desenvolver o itinerário, facilita muito o processo de planejamento. Ramos e Santos (2012) julgam ser essencial a elaboração de tal documento. Segundo elas, o inventário pode ser feito de diversas formas:

Diário de campo, pesquisa de imersão, observação participante, entrevistas e oficinas participativas, levantamento da história oral e história de vida, mas o elemento primordial no processo é a sensibilidade do pesquisador e a capacidade de construir empatia com a comunidade local (RAMOS; SANTOS, 2012, p. 15).

A análise dos locais que integram o roteiro pode ser feita de diversas formas. Uma das mais utilizadas é o método de hierarquização, muito usado no estudo das potencialidades turísticas. Tal método divide os atrativos em cinco hierarquias que vão desde recursos considerados pouco relevantes mas que exercem um papel complementar, dando apoio a outros recursos, até aqueles considerados excepcionais, com poder de atrair inclusive turistas internacionais. Outra maneira de estudar o potencial turístico é a avaliação das preferências dos utilizadores. Nela, como o nome diz, é levado em consideração a opinião dos frequentadores (CUNHA, 2008). Essas informações são extremamente relevantes para a escolha dos recursos que farão parte do roteiro.

Sabe-se, entretanto, que os recursos citados, no que diz respeito a roteiros turísticos, são mais facilmente utilizados por profissionais de turismo, sendo

necessária uma capacitação turística para os professores, público-alvo do produto final deste trabalho. Todavia, como o objetivo é levar praticidade para os profissionais da educação, entende-se que esses conceitos devem estar inseridos no passo a passo descrito no material a ser apresentado.

3. Educação e tecnologia

3.1. Ensino híbrido

Com o desenvolvimento das sociedades, das formas de comunicação e das metodologias de ensino, novas formas de construir o saber vão sendo criadas. A educação híbrida, por exemplo, que vem ganhando notoriedade no espaço pedagógico nacional, mescla diversos ambientes, métodos, tempos, atividades e públicos (MORAN, 2015), diferenciando-se dos modelos convencionais.

O ensino sempre foi híbrido, de modo que sempre foi nítida a heterogeneidade dos procedimentos pedagógicos (MORAN 2015; BRITO, 2020). Além disso, a educação se constitui híbrida porque acontece dentro de uma sociedade desigual e contraditória no que diz respeito às políticas, aos modelos, as ideias afirmadas e as práticas executadas, mostrando que “muitas das competências socioemocionais e valores apregoados não são coerentes com o cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias”, evidenciando a disparidade nos estágios de desenvolvimento moral, cognitivo e emocional dos profissionais (MORAN, 2015, p. 41).

É importante apontar alguns dos modelos de ensino híbrido trazidos pela literatura com o objetivo de entender como se dão e como se distinguem do modelo tradicional. O **modelo de rotação**, no qual, “os alunos revezam as atividades realizadas de acordo com um horário fixo ou não, sob orientação do professor (NOVAIS, 2017, apud BRITO, 2020, p. 3), pode ser subdividido em quatro: *Sala de aula invertida*, descrito por Bacich (2016) como um modelo no qual os discentes estudam o assunto programático em casa, online, e usam o espaço da sala de aula para discutir e tirar dúvidas; *Rotação por estações*, quando os estudantes são divididos em equipes e podem desenvolver a tarefa on-line; *Rotação Individual*, “cada discente possui uma lista das propostas devendo seguir de acordo com os assuntos a serem estudados; e o *modelo de Laboratório Rotacional*, que se inicia na sala de aula física e depois passa para a utilização computadores e/ou laboratórios de ensino” (NOVAIS, 2017, apud BRITO, 2020).

Outros modelos de ensino híbrido são: **modelo flex**, que também tem ênfase na aprendizagem virtual. O ritmo dos estudantes é personalizado e o professor fica à disposição para sanar as dúvidas; **Modelo A La Carte**, no qual no mínimo uma disciplina é feita de forma completamente online pelos alunos e com suporte de um docente (BACICH, 2016); **Modelo virtual enriquecido**, conceito corroborado por Novais (2017, apud BRITO, 2020) e Bacich (2016) já que, para ambos, este formato permite que os discentes curse uma disciplina ou até mesmo o curso inteiro de forma online com encontros presenciais.

Neste contexto, se percebe a necessidade de mudança no sistema de ensino vigente. O modelo pedagógico baseado na hierarquização, no qual o centro é o professor e não o aluno, precisa ser revisto, pois não se enquadra nas novas vivências e demandas da Era Digital. Isso se dá porque as informações podem ser facilmente encontradas na internet e os discentes não dependem mais do professor para localizá-las (PASSERO; ENGSTER; DAZZI, 2016; KENSKI, 2012). Outro ponto importante que precisa ser levado em consideração é que, não só o alunado tem mais facilidade em localizar as informações, como também não quer mais depender de outros para acessar e construir os conhecimentos (KENSKI, 2012). É necessário, portanto, compreender e instigar a independência dos estudantes, como por exemplo, a adoção de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem.

4.2. Metodologias Ativas

As metodologias ativas na educação são um contraponto aos moldes convencionais. Freire (1987) chama atenção para o formato narrativo e dissertativo que pode ser observado nos métodos de ensino que, segundo ele, desumaniza o processo, os valores e a realidade concreta. Como consequência, os alunos são levados a memorizar os conteúdos sem uma visão crítica de seus significados. Essa forma de ensino analisada por Paulo Freire pode ser percebida ainda nos dias atuais e é perpetuada no sistema educacional brasileiro. O centro da aula é o professor, que transmite as informações aos alunos na esperança de uma memorização por parte deles.

Em contrapartida, a utilização de metodologias ativas coloca o discente no centro do processo de ensino-aprendizagem, incitando-os à uma participação mais

direta e estimulando a autonomia. Além disso, a construção do saber se desenvolve a partir de situações reais que poderão ser experienciadas no futuro profissional dos alunos (MORAN, 2015). Para Diesel, Baldez e Martins (2017), colocar o estudante no centro e lhe dar autonomia são uns dos princípios da abordagem das metodologias ativas. Além destes, as autoras destacam o trabalho em equipe, a inovação, o professor como orientador e não transmissor do conhecimento, e reflexão. Isso expõe a possibilidade de ruptura com o modelo educacional vigente, baseado na centralização do educador.

Entretanto, metodologias ativas não são algo novo, tendo em vista que algumas teorias consagradas de estudiosos vão de encontro aos princípios anteriormente apresentados. Diesel, Baldez e Martins (2017) destacam por exemplo a visão **interacionista** na qual o professor tem o papel de orientador e facilitador da aprendizagem, auxiliando os estudantes na captação de informações e propiciando os meios necessários para que o desenvolvimento do saber ocorra, e as teorias de **John Dewey**, sendo seu principal ponto de convergência na crença de que não existe separação entre vida e educação: o aluno não está na sala de aula sendo preparado para a vida, ele está de fato vivendo.

Percebe-se, portanto, que as diretrizes das metodologias ativas permeiam visões de teóricos ao longo dos anos, sendo notória não só a distinção dos moldes conservadores mas, sobretudo, a sua relevância e necessidade de aplicação nas escolas. Ao ser colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem, o aluno desenvolve competências profissionais e pessoais, "aprendendo a aprender", se tornando capaz de encontrar e construir conhecimentos de forma autônoma nos anos sucessivos à escola, algo que pode ser feito com a ajuda das TICs.

3.3. Uso das TICs e na educação

Com advento da tecnologia digital e sua utilização por parte significativa dos setores sociais, surge a necessidade de formar cidadãos que dominem e se apropriem dos meios tecnológicos, pois, é cada vez mais notória a influência da comunicação digital na constituição de saberes, valores e ações. É preciso reconhecer, também, que a escola tem papel fundamental na formação de seres humanos críticos e preparados para lidar com um mundo cada vez mais diverso e

conviver numa sociedade em constante processo de transformação (KENSKI, 2012). Todavia, Nascimento e Padilha (2019), defendem que o ambiente educacional convencional não dá conta, sozinho, da preparação de alunos para os desafios do presente e do futuro, sendo necessário integrar cada vez mais as TICs e as metodologias ativas nas instituições de ensino.

A educação fora das paredes da sala de aula e dissociada das maneiras tradicionais de ensino é facilitada com o desenvolvimento das TICs, que interligam os ambientes físico e virtual, e pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). A tecnologia permite o encontro desses dois espaços, os transformando em um só: uma extensão da sala de aula (MORAN, 2015). Segundo Kenski (2012, p. 38), as novas TICs têm uma maneira única de “comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas.” Pinheiro e Silva (2020) concordam com Kenski (2012) quanto ao impacto das TICs na educação, ressaltando que elas mexeram com o tipo de relacionamento entre aluno, professor e conteúdo veiculado.

As mídias digitais colocam à disposição da didática diversos instrumentos capazes de encontrar novas maneiras de comunicar, expressar, interagir, criar, informar e colaborar, trazendo uma perspectiva inovadora para a relação de ensino-aprendizagem (SOUSA; MOITA; CARVALHO, 2011). Isso coloca em evidência as novas formas de se relacionar e comunicar trazidas pela contemporaneidade, expondo a necessidade de readequação dos modos de comunicação.

De acordo com Kenski (2012), a inclusão digital contribui para que a educação alcance seus objetivos possibilitando uma maior interação entre pessoas, lugares e histórias, aproximando os discentes da realidade, através da hipertextualidade – a interligação de sons, imagens e movimento – que facilitam, inclusive, a interatividade entre os envolvidos, incentivando a cooperação. Essas colocações são corroboradas por Sousa, Moita e Carvalho (2011) quando os estudiosos afirmam que a integração dos meios digitais no ambiente escolar propiciam uma melhora nas habilidades cognitivas, a extensão da memória e trabalho coletivo, a democratização de ambientes e ferramentas, a troca de conhecimentos, mensagens, obras e produções entre alunos e docentes.

Além disso, a tecnologia é capaz de trazer para perto realidades muitas vezes desconhecidas. Essa aproximação expande os horizontes do conhecimento. Conhecer e entender o diferente quebra preconceitos e tudo isso junto torna o ser humano apto para conviver numa sociedade heterogênea. Isso demonstra a relevância da proposta de construção de uma metodologia de ensino que amplie a utilização das tecnologias digitais.

Entendendo isso, é oportuno lembrar que a multimídia tem a capacidade de despertar o interesse do alunado, uma vez que já são usadas para fins de lazer e estão presentes no dia a dia das pessoas, além de que, os conhecimentos construídos em classe podem ser maximizados (BRITO, 2020; SOUSA; MOITA; CARVALHO, 2011). As redes sociais como TikTok, Instagram e Twitter são algumas das ferramentas de comunicação mais utilizadas. Apesar da resistência de muitos, sobretudo da geração anterior à explosão das mídias digitais, os relacionamentos, a transmissão de informações e as formas de lazer, são construídos e vividos dentro do ciberespaço.

3.3.1. O papel do professor

Para que as tecnologias digitais auxiliem o processo educacional, é necessário que elas sejam utilizadas corretamente. Algumas questões precisam ser discutidas, métodos precisam ser aplicados e a realidade dos envolvidos nesse processo deve ser observada.

Apesar da maior independência do discente no acesso à informação, é importante destacar que a presença do professor é imprescindível, “pois enquanto o aluno estiver sozinho ao computador, estará num 'mar' de informações dispersas, possivelmente perdido, propenso a atividades não construtivas” (PASSERO; ENGSTER; DAZZI, 2016, p. 5). Agora o educador passa de transmissor de conhecimento a orientador. Ele guia os discentes na utilização pedagógica das TICs e ao encontro das informações necessárias.

A ideia de professor orientador pode ser observada nas colocações de alguns autores. Moran (2015, p. 52), por exemplo, afirma que, atualmente, o papel do professor passa a ser “mais o de curador e de orientador, que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem

sentido no mosaico de materiais e atividades disponíveis.” Para Sousa, Moita e Carvalho (2011), cabe ao docente encontrar e propor situações que levem em conta a utilização das TICs com o objetivo de ampliar a visão de mundo dos estudantes, sob o ponto de vista de uma aprendizagem colaborativa, tornando-se um mediador.

Sendo assim, com a nova função assumida pelos educadores, é unânime entre os estudiosos a necessidade de domínio das TICs entre os docentes. Pinheiro e Silva (2021, p. 220) dizem que “se faz importante a atualização dos educadores para com as TICs”; Kenski (2012, p. 57) mostra que o primeiro dos problemas que levam ao fracasso do ensino com uso das tecnologias é a falta de conhecimento dos docentes: “os professores não são formados para o uso pedagógico das tecnologias, sobretudo das TICs”; e Sousa, Moita e Carvalho (2011, p. 20) destacam que a falta de capacitação dos professores “resulta no uso inadequado ou na falta de criação diante dos recursos tecnológicos disponíveis”. O docente precisa estar preparado para lidar com os novos desafios trazidos pela era digital.

3.3.2. A escolha das tecnologias

De acordo com Kenski (2012) cada tipo de tecnologia tem suas particularidades e demanda uma compreensão e utilização específica no processo de aprendizagem. A autora explica que escolher as tecnologias, bem como, entender de qual forma elas devem ser usadas, depende de aspectos como: espaço, número de alunos, tempo e os objetivos de ensino. Ela cita como exemplo uma sala de aula cheia de estudantes que vai exigir equipamentos diferentes dos que seriam necessários em grupos de alunos menores. A realidade das escolas públicas no Brasil é de salas de aulas geralmente cheias de alunos, o que faz refletir sobre quais tipos de equipamentos tecnológicos seriam mais adequados para o trabalho nesses espaços.

Alguns exemplos de projetos de ensino pensados sob a óptica da utilização das TICs podem ser encontrados no trabalho publicado por Kenski (2012), a exemplo do “tabuleiro digital da Bahia”, concebido em 2004 pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto da UFBA consiste na distribuição de terminais de computadores com acesso à internet nos corredores da instituição, permitindo que os alunos acessem informações, produzam trabalhos, se comuniquem entre si, entre outras possibilidades. Outro exemplo exposto pela autora é o “Enlaces”,

programa que tem como objetivo a geração de comunidades interativas de ensino-aprendizagem, interligando alunos, professores e trabalhos de todo o mundo.

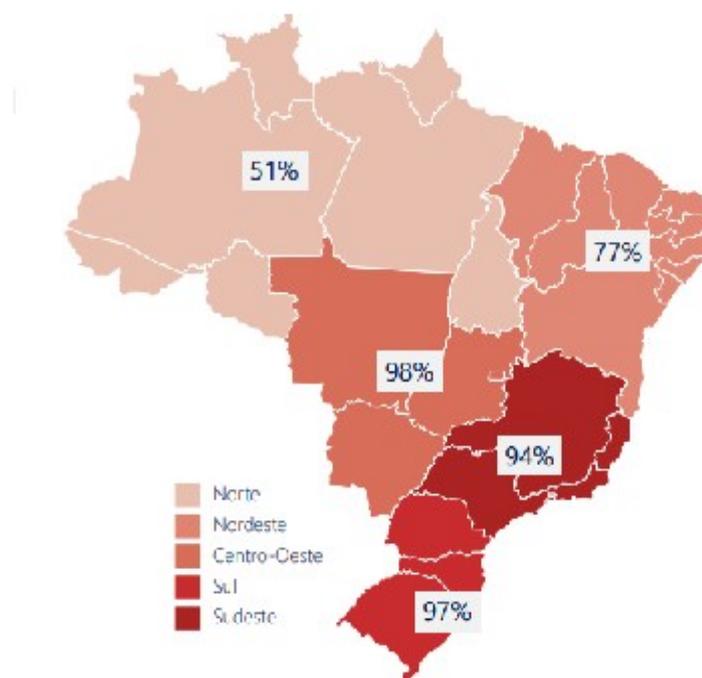
Os exemplos expostos demonstram, na prática, a ampliação da interatividade possibilitada pelo uso das TICs. Pessoas de todo o mundo estão conectadas pela internet e isso não é diferente quando os sujeitos são alunos e docentes. Essa conexão com o novo, o diferente, visões de mundo e vivências divergentes entre si, enriquece o conhecimento dos envolvidos.

3.4. Estrutura tecnológica das escolas brasileiras

A pesquisa feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), em 2020, teve como objetivo analisar o uso de tecnologias digitais por parte de alunos e professores nas escolas do Brasil. É importante destacar que o estudo citado foi realizado durante a pandemia da Covid-19, quando as escolas foram forçadas a encontrar formas de continuar seu trabalho mesmo com o isolamento social. Foi notória a importância das tecnologias, principalmente no que diz respeito à comunicação professor-aluno naquele ano.

O Cetic (2020) identificou, como mostra o gráfico abaixo, que, no ano de 2019 82% das escolas brasileiras possuíam acesso à internet. O gráfico aponta a Região Centro-Oeste como a com mais escolas conectadas (98%), seguida por Sul (97%), Sudeste (94%), Nordeste (77%) e Norte (51%).

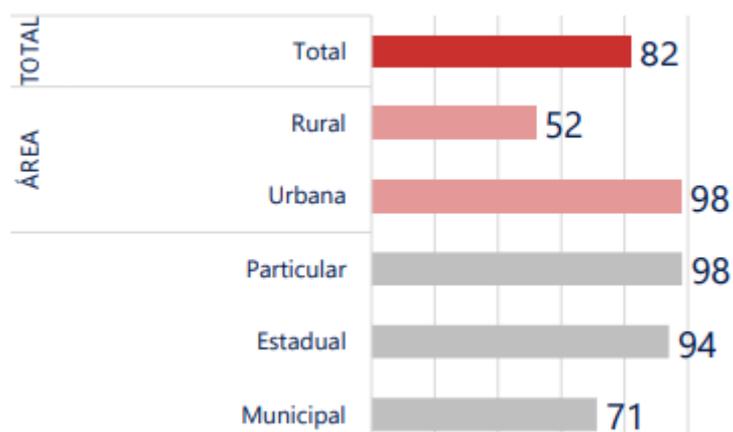
Figura 1 - **ESCOLAS COM ACESSO À INTERNET** Total de escolas (%) (2019)



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/> p. 24.

A pesquisa informa ainda que as escolas particulares e as situadas em área urbana têm mais facilidade de acesso à internet, segundo os dados, são 98% das particulares e este número se repete no que diz respeito às escolas em área urbana. Enquanto isso, apenas 52% das escolas em áreas rurais têm acesso ao mesmo recurso. Das escolas públicas, 94% das estaduais detêm acesso e, as municipais somam 71%, como mostra o gráfico abaixo.

Figura 2 - **ESCOLAS COM ACESSO À INTERNET** Total de escolas (%) (2019)



Fonte: CGI.br/NIC.br, Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras – TIC Educação 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/> p. 24.

Outro dado importante é o de formação tecnológica para professores. No que diz respeito aos docentes de escolas públicas, o Cetic (2020) apurou que a Região Sul foi a que mais ofertou formações sobre o uso das tecnologias para professores (80%), seguida das regiões Centro-oeste (77%), Sudeste (73%), Nordeste (64%) e Norte (56%). Aos professores de instituições de ensino da área urbana, foram oferecidas mais oportunidades de formação do que aos de escolas rurais, 76% e 57%, respectivamente.

Já o Censo Escolar 2020 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (BRASIL, 2021) revelou que 83% das escolas de ensino fundamental localizadas no Centro-oeste possuem acesso à internet. Já as regiões Sudeste, Sul, Nordeste e Norte, têm, respectivamente, 81%, 78%, 54%, 32% das escolas com acesso ao mesmo recurso. Entretanto, nas escolas de ensino médio, o acesso é maior. A pesquisa mostra que 80% dessas instituições possuem acesso à internet.

Além do mais, tais escolas são as que mais oferecem estrutura tecnológica, como computadores de mesa para uso dos alunos.

A partir dos dados citados, é possível observar que as escolas das regiões Nordeste e Norte são as mais prejudicadas quanto ao uso das tecnologias. Também pode-se perceber a maior disponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas particulares e nas escolas públicas de ensino médio, evidenciando a desigualdade no sistema educacional e provando a existência de múltiplas realidades escolares.

Além disso, a desigualdade se dá por diversos fatores que podem ser observados em todas as etapas do desenvolvimento do alunado - do ensino fundamental ao superior -, destacando-se os aspectos: a) regionais, tendo em vista a maior evolução educacional do sudeste em relação às demais regiões; b) de localização, levando em consideração a discrepância entre moradores das áreas rurais e urbanas; e c) de cor, percebendo-se a desigualdade entre brancos e pretos. (Castro, 2009; Crepalde e Silveira, 2016; Pontili e Kassouf, 2007). Deste modo, pensar formas de ensino que utilizem as TICs significa refletir sobre métodos que contemplem o máximo possível de escolas e possam ser adaptados de acordo com a realidade da instituição, dos alunos e dos docentes.

4. Coreografias didáticas

As discussões levantadas até aqui nos levaram à compreensão da importância de um processo de ensino-aprendizagem que acompanhe a integração tecnológica na sociedade e o uso das TICs. Amaral e Santos (2020), Padilha et al. (2020), Padilha e Zabalza (2016), Mehlecke (2019) e Oser e Baeriswyl (2001) apresentam reflexões sobre as coreografias didáticas e as inovações pedagógicas, defendendo a integração das TICs e das metodologias ativas na sala de aula como forma de aumentar a interação dos discentes com diferentes métodos e recursos, além de desenvolver o senso crítico e a autonomia.

Na analogia das coreografias didáticas os professores são como diretores de dança – quem marca os tempos, ritmos, passos e espaços –, e os estudantes são como os bailarinos – quem desenvolve as capacidades pessoais através das coordenadas estabelecidas pelo professor (PADILHA; ZABALZA, 2016). É importante destacar que cada aluno possui suas particularidades. Entretanto, a forma de lecionar do professor e a coreografia proposta influencia bastante no processo de ensino-aprendizagem dos discentes.

Essas coreografias podem ocorrer tanto em situações de ensino presenciais como virtuais e os cenários em que acontecem essas coreografias podem ir do mais minimalista ao mais elaborado, no que se refere às estratégias e recursos didáticos tecnológicos. (PADILHA; ZABALZA, 2016 p. 840).

As coreografias estabelecidas pelo educador devem integrar as coreografias internas – recursos, cenários, estratégias de ensino – e as coreografias externas – a forma de aprendizagem do estudante –, além de identificar antecipadamente as aprendizagens que seus alunos podem e precisam desenvolver (PADILHA; ZABALZA, 2016; AMARAL; SANTOS, 2020). No entanto, apesar de serem pré-estabelecidas pelo docente, não se pode exigir do profissional uma coreografia que atenda todas as especificidades cognitivas de todos os alunos. Sendo assim, mesmo que o professor defina os passos da dança, os bailarinos devem ter a liberdade de mudar seus movimentos.

Para Oser e Baeriswyl (2001), as coreografias didáticas estão estruturadas em quatro níveis:

1. A **antecipação** diz respeito ao trabalho de identificação das aprendizagens que o docente quer desenvolver, bem como ao planejamento das estratégias de ensino. É importante que o professor tenha bastante clareza dos assuntos que quer abordar. Ao construir a coreografia didática a ser utilizada para alcançar os objetivos de aprendizagem definidos, o professor esbarra em coreografias mais estruturadas e menos estruturadas, as primeiras, proporcionam ao profissional mais controle do processo de aprendizagem do aluno, enquanto as segundas proporcionam menos controle. Um exemplo de coreografias menos estruturadas são as que utilizam como recursos as tecnologias digitais, visto que são cenários muito abertos (OSER; BAERISWYL, 2001; PADILHA; ZABALZA, 2016);

2. A **colocação em cena** diz muito sobre como professor e aluno utilizam dos recursos, cenários e condições existentes. É importante trabalhar aqui os conceitos de coreografias complexas e minimalistas no tocante ao uso das tecnologias digitais. O nível de complexidade não é medido a partir da quantidade ou variedade dos recursos digitais e sim pela forma como docente e discente interagem com elas (OSER; BAERISWYL, 2001; PADILHA; ZABALZA, 2016);

3. O **modelo base de aprendizagem do aluno**, leva em conta as operações mentais e atuações práticas que o estudante tem que executar para atingir os objetivos de aprendizagem, sendo o professor o facilitador do processo (OSER; BAERISWYL, 2001);

4. O **produto da aprendizagem** é o resultado da coreografia didática escolhida. Aqui, leva-se em consideração se existem condições propícias à aprendizagem (OSER; BAERISWYL, 2001).

Com os avanços tecnológicos e a “mídiatização” (PADILHA *et al.*, 2020) da sociedade, a cibercultura influencia até nos modelos de EAD tradicionais. Os docentes buscam ir além dos conhecidos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) e criar situações que possibilitem uma aprendizagem de qualidade de

maneira lúdica através de mídias bastante utilizadas como facebook, whatsapp, instagram, youtube (AMARAL; SANTOS, 2020).

Muito se foi dito sobre a importância da utilização das novas TICs para a educação, do papel do professor como facilitador, dos diversos recursos tecnológicos existentes e possíveis de serem usados nas aulas. Entender a concepção das coreografias didáticas é compreender os cenários e recursos que podem ser utilizados em cada realidade escolar, os estilos cognitivos dos alunos e ter em mente quais assuntos precisam ser abordados. Colocar em prática uma coreografia didática é planejar e executar formas de atingir o objetivo principal: a aprendizagem.

Ao pensar numa metodologia de turismo pedagógico deve-se ter bem estabelecido que o objetivo final é a construção do conhecimento científico do aluno, através de visitas técnicas presenciais ou em roteiros virtuais. Deve-se levar em consideração, também, a realidade de cada grupo escolar: idade, acesso a aparelhos tecnológicos e acesso a internet, grau de instrução tecnológica do alunado e do docente. A definição dos passos dessa dança é o produto deste trabalho.

5.1. Desenho de uma coreografia didática para Roteiro de Turismo Pedagógico virtual.

Com base na estrutura definida por Oser e Baeriswyl (2001), propõe-se a criação de um material que guie os docentes na elaboração de uma coreografia didática tendo como estratégia de ensino os roteiros de turismo pedagógico virtuais. O material segue os seguintes passos:

1. **Antecipação:** nesta primeira etapa o professor deve ter em mente os conteúdos que precisam ser abordados e as estratégias de ensino. Neste caso, a estratégia já está definida: roteiros virtuais de turismo pedagógico.
2. **Colocação em cena:** nesta etapa, deve-se identificar locais que tenham relação com os assuntos que serão trabalhados em sala de aula. É possível observar essa relação nas características geográficas,

socioculturais e históricas das localidades. Podem ser escolhidos museus, áreas de proteção ambiental, praias, praças etc. Além disso, é o momento de definir qual instrumento de apresentação do roteiro, isso definirá, inclusive, se a coreografia será complexa ou minimalista. Alguns exemplos podem ser citados como:

- a. Apresentação em sala com projetor através de slides ou vídeos;
- b. Computador (em escolas que possuam laboratório de informática). Neste caso fica a critério do professor disponibilizar um material pronto ou estimular os alunos a pesquisarem por conta própria na internet;
- c. Redes sociais (instagram, twitter, facebook etc). Ao escolher este modo o educador deve realizar uma pesquisa para identificar a possibilidade de acesso dos estudantes às plataformas pretendidas. Ao escolher o twitter, pode-se trabalhar através das “threads”, pequenos textos explicativos e até quatro imagens que seguem uma ordem de começo, meio e fim. Já se o escolhido for o instagram, o docente pode explorar fotografias, textos, músicas e vídeos, através dos stories, do feed ou até mesmo do reels. O facebook oferece a oportunidade de escrever textos mais longos e de disponibilizar fotografias e vídeos. Através do whatsapp o professor pode compartilhar, além dos vídeos, textos e fotos, observados também nos exemplos anteriores, documentos em diversos formatos.

Os exemplos citados acima estão listados com mais detalhes e representações fotográficas no material oferecido aos educadores.

3. Modelo de aprendizagem do aluno: com as etapas anteriores definidas e o roteiro pronto, o docente atua como facilitador do processo de aprendizagem, apresentando, então, os passos da dança para os alunos. Independente se a coreografia é mais estruturada ou menos estruturada, se é complexa ou minimalista, cabe ao professor guiar os alunos no processo.

4. Produto da aprendizagem: este é o momento das conclusões. O educador reúne informações a respeito da execução da metodologia. Essas informações podem ser obtidas através do processo de observação da maneira

como os discentes se comportam durante a aplicação do trabalho e através de questionários ou conversas com o alunado. Esta última etapa ajuda a entender se a coreografia ajudou a atingir o objetivo principal, a aprendizagem dos alunos. Além disso, o professor reflete sobre como foi o processo de construção e execução da metodologia sob sua própria ótica.

4.2. Material de apoio

Elaboração de roteiros virtuais de turismo pedagógico

Este material tem como objetivo auxiliar professores na elaboração de uma coreografia didática que use como estratégia de ensino roteiros de turismo pedagógico virtuais.

Quais assuntos serão trabalhados?

Deve-se, em primeiro lugar, listar os assuntos que precisam ser abordados em sala de aula.

Quais lugares e/ou equipamentos turísticos irão compor o roteiro?

Após a listagem dos conteúdos, chega a hora de buscar os locais que irão compor o roteiro turístico.

Imaginemos a seguinte situação:

Sabe-se que existem diversos equipamentos culturais na cidade do Recife, entre eles, museus, galerias de arte, centros de artesanatos, praças, casarões. Em um roteiro, pode-se propor a visita desses locais, começando, por exemplo, pelo Centro Cultural da Caixa, passando pelo Paço do Frevo, fazendo uma visita à Embaixada dos Bonecos Gigantes, à Praça do Arsenal da Marinha, ao Cais do Sertão e terminando a visita no Centro de Artesanato de Pernambuco. Tais locais têm uma relação com a cultura e a história de Pernambuco, sendo justificável sua presença num roteiro turístico que pretenda apresentar esses temas aos visitantes. É possível encontrar na internet diversos materiais que retratam a história desses locais, bem como vídeos, imagens e perfis de alguns deles em redes sociais.

Sabendo disso, é preciso identificar locais que tenham relação com os assuntos a serem abordados. Essa relação pode ser encontrada nos aspectos geográficos, históricos e socioculturais das localidades. Após isso, é interessante listar os ambientes escolhidos para compor o roteiro.

Como apresentar os roteiros aos alunos?

Acima de tudo, é imprescindível que os locais escolhidos sejam apresentados aos estudantes através de imagens – fotografias e vídeos. Entretanto, fica a critério do/a educador/a acrescentar mapas, músicas, textos, documentos, gráficos ou outros, todos esses elementos podem enriquecer o trabalho.

Sabendo disso, o/a profissional deve escolher de que forma vai apresentar o roteiro em sala de aula. Abaixo, estão listados alguns exemplos que podem ajudar na seleção dos instrumentos:

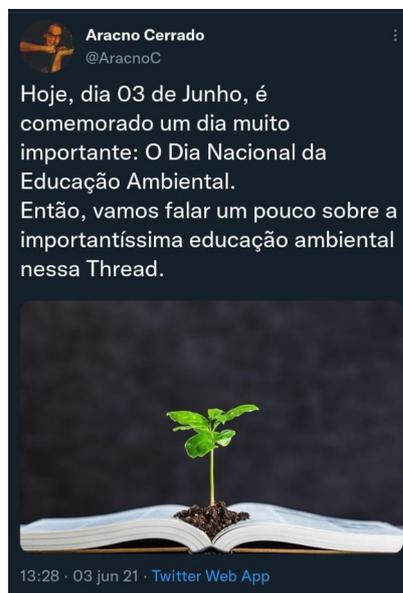
- 1. Projetor multimídia:** neste caso, o material pode ser apresentado à turma através de vídeos e slides;
- 2. Computador:** para escolas que possuem laboratório de informática, esta pode ser uma boa ideia. Ao/a professor/a, cabe escolher disponibilizar o material pronto para acesso dos alunos ou instigá-los a pesquisar por conta própria, guiando-os durante todo o processo;
- 3. Redes sociais (instagram, twitter, facebook, whatsapp e outros):** ao escolher usar as redes sociais, o/a educador/a se depara com um mundo de possibilidades. É, também, uma ótima alternativa para escolas que não podem disponibilizar projetores nem possuem laboratórios de informática, já que, os discentes podem ter acesso ao material em seus próprios smartphones. Sendo assim, sugere-se que seja feito um levantamento para identificar a possibilidade de acesso à smartphones e redes sociais pelos alunos.

Por haver um universo repleto de possibilidades, estão dispostos abaixo alguns exemplos de como as redes sociais podem ser utilizadas para apresentação de roteiros. Além disso sugere-se que, para maior controle das atividades, seja criada uma conta específica e privada, a qual somente os alunos e profissionais envolvidos no trabalho terão acesso.

Twitter

A plataforma possibilita o compartilhamento de pequenos textos, fotos e vídeos. Muito usadas para discorrer sobre diversos assuntos, as “threads”, são uma boa sugestão para apresentar roteiros turísticos virtuais, já que, com elas há a possibilidade de disponibilizar pequenos textos explicativos seguindo uma ordem de começo, meio e fim. Além dos textos, é possível compartilhar fotografias e vídeos para ajudar na compreensão do que está sendo abordado. As imagens abaixo mostram como as threads são compostas.

Figura 3 – Exemplo de Thread parte 1.



Fonte: [twittwer.com/aracnoc](https://twitter.com/aracnoc).

Figura 4 – Exemplo de Thread parte 2.



Fonte: twitter.com/aracnoc.

Figura 5 – Exemplo de Thread parte 3.



Fonte: twitter.com/aracnoc.

Instagram

Nesta rede social é possível compartilhar textos, vídeos, músicas e fotografias através de recursos como “story”, “feed”, “Ig TV” e “reels”.

story

Nos “stories”, o usuário consegue compartilhar vídeos de até 15 segundos, fotografias, músicas textos e links, as publicações saem do ar em 24 horas, com exceção das que forem salvas através do recurso “destaques”.

Reels

Os “reels”, muito utilizados na plataforma hoje, são vídeos curtos que se assemelham aos stories, neles há a possibilidade de trabalhar com músicas e textos.

Feed

Os posts publicados no “feed” ficam salvos no perfil e aparecem na página inicial da plataforma. Eles podem ser trabalhados também no formato “carrossel”, sendo possível apresentar, numa mesma publicação, até dez imagens contendo textos, fotografias, gráficos, mapas entre outros, como pode ser observado nas imagens abaixo:

Figura 6 – Post no instagram estilo carrossel parte 1.



Fonte: [instagram.com/secretariadeturismope](https://www.instagram.com/secretariadeturismope).

Figura 7 – Post no instagram estilo carrossel parte 2.



Fonte: [instagram.com/secretariaturismope](https://www.instagram.com/secretariaturismope).

Figura 8 – Post no instagram estilo carrossel parte 3.

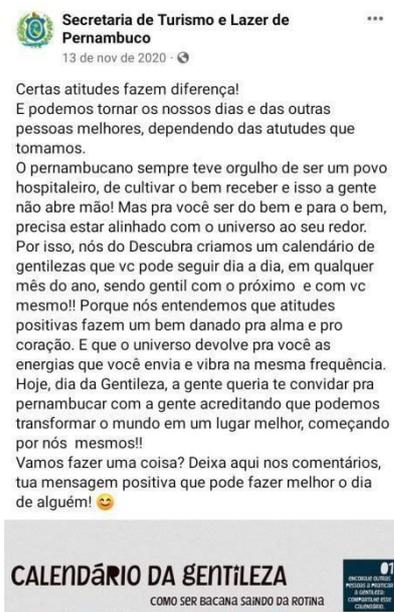


Fonte: [instagram.com/secretariaturismope](https://www.instagram.com/secretariaturismope).

Facebook

O facebook também permite o compartilhamento de textos, fotos, vídeos e links, além de possuir o recurso “story” citado anteriormente. A diferença é que, na plataforma, existe a possibilidade de veicular textos mais longos, como mostra a imagem a seguir:

Figura 9 – Post no facebook.



Fonte: facebook.com/secretariadeturismodepernambuco.

Whatsapp

Provavelmente, o aplicativo é o mais utilizado por alunos e professores, dentre os citados anteriormente. A extensa gama de ferramentas permite que, como nas outras redes, sejam compartilhados vídeos, músicas, fotografias, links e textos. Contudo, é possível, também, compartilhar documentos. No caso de ser a rede escolhida, o/a docente pode disponibilizar um arquivo em power point enquanto os alunos acompanham através de seus celulares, por exemplo.

Agora é hora de colocar em prática!

Com tudo definido, chega a hora de buscar os dados, fotografias, vídeos e demais conteúdos que irão fazer parte do roteiro. A elaboração do material vai depender de quais informações e de qual a forma que o/a professor/a deseja conduzir sua aula. Deve-se, todavia, levar em consideração a ordem em que os locais irão aparecer no roteiro. Caso tenham mais de um assunto a serem abordados, o/a professor/a pode trabalhar um assunto por lugar.

Após a concepção do roteiro, é chegado o momento de apresentá-lo aos estudantes!

5. Metodologia

A obra foi realizada em algumas etapas. Em primeiro lugar, foi utilizada a revisão bibliográfica com o intuito de conceituar os pressupostos da educação híbrida, das metodologias ativas e do turismo pedagógico. Tais definições foram necessárias para nortear o trabalho, levando em consideração o que estudiosos dos temas trabalhados têm a dizer. Este tipo de pesquisa, de acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), tem como finalidade discorrer sobre um determinado assunto por meio de abordagens teóricas. Segundo Pizzani et al. (2012):

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes (PIZZANI et al., 2012, p. 54).

A pesquisa bibliográfica ajudou a entender a importância da educação para a transformação social, como o turismo pode contribuir para alcançar tal objetivo e o passo a passo para elaboração de roteiros. Além do mais, foi possível compreender o desenvolvimento de desenhos de metodologias e encontrar o mais adequado para o que se pretende no presente trabalho. Sendo escolhido o conceito de coreografias didáticas.

Foi realizado, também, um levantamento de dados para identificar a infraestrutura tecnológica das escolas públicas. As informações foram obtidas através de análise do censo escolar 2020 (BRASIL, 2020) e da pesquisa feita pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) que analisou e forneceu dados relevantes acerca das tecnologias no ambiente escolar, recolhidos no ano de 2020.

Com a base teórica pronta, a metodologia foi concebida visando praticidade e alcançar as mais diversas realidades das escolas brasileiras. Na sua formatação, foram seguidas as definições de Oser e Baeriswyl (2001) acerca da elaboração de coreografias didáticas. Com isso, foi desenvolvido um material de apoio, destinado aos docentes, detalhando as etapas da construção dos roteiros virtuais de turismo pedagógico. Nele, foi possível encontrar diversos exemplos de como apresentar o roteiro em sala - através de vídeos, power point, em laboratórios de informática,

celulares, redes sociais, entre outros -, orientações de como escolher os locais e do que incluir no roteiro.

No estágio seguinte, a metodologia foi apresentada a três professores com turmas de Ensino Médio e Fundamental, para que eles pudessem elaborar um roteiro seguindo as orientações do material de apoio e apresentá-lo em sala de aula. A pesquisa foi realizada com um professor de escola pública que leciona para turmas de Ensino Médio a disciplina de química; uma professora de escola privada com turmas do ensino fundamental e médio, que leciona a disciplina de língua portuguesa; e um professor de química contratado por uma empresa especializada em aulas particulares de reforço e pré-vestibular.

O objetivo da etapa descrita acima foi colher e analisar informações dos profissionais da educação com relação a utilização da metodologia, a compreensão do material disponibilizado e as dificuldades em elaborar e apresentar os roteiros em sala de aula. Para obter esses dados, foi desenvolvido um questionário disponibilizado de forma digital aos docentes. Este método foi escolhido por ser um dos mais importantes para colher dados no campo das ciências sociais (GIL, 1989).

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc (Gil, 1989, p. 124).

De acordo com Brenner e Jesus (2008), é de suma importância se atentar a apresentação do questionário: as perguntas devem ser claras e objetivas. Buscou-se, portanto, elaborar questões curtas e diretas, facilitando as respostas dos docentes.

A pesquisa se caracteriza, portanto, como qualitativa, pois leva em consideração uma quantidade pequena de casos e busca entender os sentimentos e percepções dos que participam da pesquisa (MALHOTRA, 2006 apud CHAER et al., 2022). Neste tipo de trabalho, o fenômeno estudado é percebido a partir da perspectiva dos envolvidos, levando em consideração todos os pontos de vista importantes e tem como uma das técnicas mais utilizadas a pesquisa documental (GODOY, 1995).

Os dados obtidos no questionário foram descritos no trabalho. Eles serviram para identificar os pontos positivos e negativos da metodologia desenvolvida, as dificuldades dos professores e, com isso, fazer alterações necessárias buscando a melhoria do produto final.

6. Roteiros elaborados pelos docentes

A metodologia foi apresentada a três professores. A escolha dos docentes teve como objetivo testar a metodologia em diferentes ambientes de trabalho, já que cada profissional atua em uma realidade distinta. Um deles leciona a disciplina de química em turmas de ensino médio, numa escola técnica estadual (o qual chamaremos de docente 1); outra leciona a disciplina de língua portuguesa para alunos dos ensinos fundamental e médio numa escola privada (docente 2); por sua vez, o terceiro profissional que participou da pesquisa trabalha a disciplina de química em uma empresa especializada em aulas de reforço e pré-vestibular (docente 3). Os envolvidos atuam na Região Metropolitana do Recife.

Foi sugerido que os professores elaborassem uma aula, tendo como estratégia de ensino roteiros virtuais de turismo pedagógico, sendo disponibilizado o material de apoio com o passo a passo de como desenvolver os roteiros. No primeiro momento, a proposta causou um sentimento de dúvida, já que, elaborar este tipo de aula era algo novo para muitos. Antes de ter acesso ao material de apoio, imagina-se o quão trabalhoso e complicado seria construir um roteiro turístico virtual. Entretanto, após uma explicação do trabalho e leitura do material de apoio, os docentes resolveram dar uma chance ao desafio.

Na proposta inicial, além de elaborar as aulas, os professores deveriam levar o roteiro para sala de aula e apresentá-los aos estudantes. Contudo, foram relatadas dificuldades quanto à aplicação, visto que a pesquisa foi realizada entre os meses de maio e junho de 2022, período de provas em algumas escolas e de chuvas intensas na Região Metropolitana do Recife, causando complicações no acesso às instituições de ensino. Sendo assim, focaremos nos planos de aula desenvolvidos pelos docentes e suas considerações.

6.1. Roteiro elaborado pelo docente 1

O docente 1 decidiu utilizar as construções históricas localizadas na Vila de Nazaré, no Cabo de Santo Agostinho - PE, para trabalhar o conteúdo: processos de oxidação e redução. O professor usou da interdisciplinaridade, passeando pelas disciplinas de história e geografia, para além da química.

Foi elaborado um documento contendo mapa, imagens do local e fotografias históricas, sendo ele disponibilizado nos grupos de whatsapp das turmas. Além disso, o professor colocou à disposição dos alunos links para estimular a pesquisa, textos explicativos com dados geográficos, históricos e informações turísticas.

Após o passeio virtual, os discentes foram orientados a conversarem com três colegas de turma sobre a influência da maresia em equipamentos eletrônicos e estruturas construídas próximo à praia. Essa discussão abre caminho para observar a influência do tempo nas construções históricas da Vila de Nazaré. O roteiro começa nas Ruínas da Casa do Faroleiro e segue para as Ruínas do Forte, passando pelas Ruínas da igreja de Nossa Senhora do Nazaré e cemitério, terminando na Bica da Ferrugem.

Por fim, como atividade para os discentes, o professor elaborou algumas questões tendo a finalidade de entender suas experiências. As perguntas feitas foram: “Como foi a viagem?”, “Como foi conhecer a história do Cabo de Santo Agostinho?”, “Como foi explorar a química atrelada à história e geografia?”

Percebe-se, portanto, que a forma de apresentação escolhida pelo professor, busca incentivar os alunos a utilizarem seus próprios aparelhos celulares e redes sociais – o whatsapp e demais redes usadas para pesquisa - de maneira a auxiliar o processo de ensino aprendizagem. Deste modo, o docente permite que haja uma autonomia por parte dos estudantes, direcionando-os através das informações e sugestões de pesquisa contidas no documento.

6.2. Roteiro elaborado pela docente 2

O Barroco foi o conteúdo escolhido pela docente 2. A partir dele, a profissional escolheu a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, conhecida como “Capela Dourada”, localizada na cidade do Recife, para trabalhar em uma turma do primeiro ano do ensino médio. Segundo a profissional, entender a estética barroca, observar suas manifestações em pinturas e esculturas, demonstrar domínio linguístico do gênero textual, além de trabalhar a valorização do patrimônio histórico da cidade, foram os objetivos do trabalho.

A ideia da professora foi apresentar o roteiro através de projetor multimídia. Inicialmente, apresenta-se características importantes do movimento artístico e, posteriormente, dados relevantes sobre a igreja e imagens retiradas do Google, através do Microsoft Office PowerPoint. No momento seguinte, os discentes assistem alguns vídeos, feitos por visitantes da capela, disponíveis no YouTube.

Para a docente, é importante que os alunos se sintam instigados e confortáveis para fazer perguntas durante a visita remota. Para isso, serão feitas algumas provocações como: "O que acham daquela pintura?", "O que tem chamado mais atenção até agora?", "Querem saber por que a forma barroca é coberta por todo esse ouro?". De modo que a experiência seja cada vez mais parecida com a de uma visita presencial. Ao final, é proposto que os discentes façam suas considerações quanto à aula e produzam um relato de experiência sobre a visita.

É possível perceber uma preocupação da profissional quanto a interação dos alunos. A utilização dos recursos citados, permite que a professora atue como um guia de turismo em sala de aula e os alunos, visitantes, levando-os pelas dependências da igreja, apresentando as principais características e sanando as dúvidas, sem deixar, entretanto, de exercer seu papel de docente e trabalhar questões acadêmicas relacionadas ao assunto.

6.3. Roteiro elaborado pelo docente 3

Os conteúdos escolhidos pelo docente 3 para serem trabalhados foram: separação de misturas, tratamento de água, água. Envolvendo as disciplinas de química, química ambiental e educação ambiental. De acordo com ele, o objetivo é despertar a consciência ambiental voltada ao "uso indiscriminado da água (com ênfase nas grandes empresas)" trazendo o foco para o tratamento de água e a separação de misturas.

O roteiro elaborado pelo professor consiste numa visita remota a museus que tratam sobre os temas levantados através de suas páginas no Instagram. Os museus em questão são: Museu da Água (@museuagua) com sede física em Lisboa

- Portugal, o Museu da Água de Indaiatuba - SP (@museudaaguadeindaiatuba) e o Espaço Ciência de Pernambuco (@espacociencia_pe).

Segundo o docente, o trabalho será apresentado em quatro aulas divididas em dois momentos de 90 minutos, totalizando 180 minutos de aula. De forma que, os primeiros 20 minutos serão utilizados para recepção dos estudantes, introdução e revisão de conteúdos, além de apresentação da proposta de aula. Nos 10 minutos seguintes, um mapa mental será criado junto com os alunos acerca dos temas trabalhados, usando-o como ponto de partida. Após isso, os discentes serão orientados a fazer a visita ao perfil @museuagua, fazendo uma "excursão guiada pelo museu, trabalhando a importância do local e o que ele trata sobre a água potável na nossa sociedade". Depois da primeira visita, os estudantes serão convidados a fazerem adições ao mapa mental.

A visita seguinte será feita ao perfil do instagram @museudaaguadeindaiatuba com uma exploração livre pois "é o que melhor exibe o espaço físico", guiando a turma pelos pontos principais antes de fazer as últimas colaborações no mapa mental. Como atividade para ser entregue no próximo momento, os estudantes deverão fotografar o mapa mental e editá-lo livremente.

No segundo momento será realizada a recepção da turma e disponibilizado o email para envio das fotografias, além de uma aula expositiva acerca "das separações de misturas presentes no tratamento de água potável." Em seguida, os discentes serão orientados a acessarem o instagram do Espaço Ciência - PE, explorar os conteúdos da página sobre a água livremente, antes de compor um mapa conceitual abordando os pontos: "água, importância da água, tratamento de água e processos de separação de misturas que são encontradas no tratamento da água." Como avaliação será levado em consideração as atividades desenvolvidas durante a aula: colaboração e edição do mapa mental e elaboração do mapa conceitual.

Nota-se que neste caso o professor busca instigar seus alunos a acessarem os conteúdos por conta própria, conduzindo-os pelas páginas que devem ser exploradas e sempre levando a turma a conversar sobre o que foi visto. Além disso,

o profissional propõe que os estudantes utilizem seus próprios aparelhos e uma rede social que muitos jovens têm facilidade em usar.

7. Reflexões sobre a proposta

Ao escolher os conteúdos “Processos de oxidação e redução”, o docente 1 conclui a primeira fase da elaboração de uma coreografia didática, a **antecipação**, que segundo Oser e Baeriswl (2001), ocorre quando o professor define as aprendizagens que irá desenvolver e as estratégias de ensino. Da mesma forma, os docentes 2 e 3, respectivamente, ao optarem por trabalhar os temas “Barroco” e “Separação de misturas, tratamento de água, água”. Como requisito para a participação na pesquisa, todos os docentes utilizaram os roteiros virtuais de turismo pedagógico como estratégia de ensino.

Já na segunda etapa, **colocação em cena**, os professores precisaram identificar os recursos, cenários e condições existentes (OSER; BAERISWL, 2001). Neste caso, observa-se a escolha dos locais e dos recursos escolhidos na apresentação do roteiro. Como exemplos podem ser citados os lugares escolhidos pelo docente 1, no Cabo de Santo Agostinho -PE; a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, na cidade do Recife, escolhida pela docente 2; e os museus trabalhados pelo docente 3: Museu da Água (Lisboa, Portugal), Museu da Água de Indaiatuba (SP), Espaço Ciência de Pernambuco.

Ainda nesta etapa, os professores definiram os recursos a serem utilizados, levando em consideração a disponibilidade tecnológica dos discentes e da instituição de ensino, e seus conhecimentos. No caso do docente 1 e 3, os estudantes usaram seus próprios aparelhos de celular e as redes sociais. Nestes dois exemplos, percebe-se uma coreografia complexa, uma vez que há um menor controle por parte dos professores. Já a docente 2, recorreu a uma coreografia minimalista, optando por trabalhar com o projetor multimídia.

Os processos denominados **modelo base de aprendizagem do aluno**, que leva em consideração as operações mentais e atuações práticas que o discente executa a fim atingir os objetivos de aprendizagem, sendo o professor um facilitador e **produto da aprendizagem**, que é quando se obtém o resultado da coreografia escolhida (OSER; BAERISWL, 2001), não foram executados por causa das dificuldades de aplicação das aulas descritas anteriormente.

Entretanto, é possível ter uma noção de como as últimas etapas seriam realizadas a partir dos planos de aula desenvolvidos. Em seu planejamento, o docente 1 se disponibilizou a sanar quaisquer dúvidas dos estudantes enquanto estivessem acessando o material apresentado e elaborou perguntas a serem feitas ao final da aula para obter o produto da aprendizagem. A docente 2, por sua vez, planejou atuar como uma espécie de guia de turismo durante a aula, guiando a turma pelas dependências da igreja escolhida, respondendo aos questionamentos. Ao final, a professora pretende fazer indagações com o objetivo de compreender o impacto da aula. Já o docente 3 se propôs a orientar seus alunos no acesso aos perfis dos museus escolhidos e elaborar mapas mentais e conceituais junto a eles. A proposta deste último professor busca equilibrar os ambientes físico e virtual. Assim como os docentes 1 e 2, o terceiro pretende fazer questionamentos ao final da aula para compreender as implicações do método escolhido.

Para entender as experiências dos professores com a metodologia e o material de apoio, foi solicitado o preenchimento de um questionário desenvolvido pela plataforma “Google forms”, composto por nove perguntas (anexo A). Com os resultados - que podem ser observados no quadro 1), foi possível identificar as dificuldades enfrentadas pelos participantes da pesquisa. Tais complicações poderiam ter relação com o material apresentado – insuficiência de informações e/ou dificuldades de compreensão – ou com situações específicas do local de trabalho.

Quadro 1 - Respostas dos docentes às perguntas do questionário.

PERGUNTAS	docente 1	docente 2	docente 3
1. A partir do material apresentado, qual o nível de compreensão da metodologia proposta?	mediano	mediano	mediano
2. Você considera que os passos descritos no material de apoio foram suficientes para elaboração da aula?	não	sim	não
3. Caso a resposta da	A falta de		texto muito

pergunta anterior tenha sido "não", informe o que você sentiu falta.	conceitos de turismo pedagógico virtual e exemplos de roteiros.		abrangente.
4. Qual o nível de compreensão das informações contidas no material de apoio? (considere 1 como "fácil" e 5 como "muito complicado").	2	2	2
5. Use este espaço para fazer observações quanto a compreensão das informações contidas no material de apoio. (opcional).	informações claras e indicações objetivas.		falta de familiaridade com o tema.
6. Qual o nível de dificuldade em encontrar locais que tenham relação com os assuntos trabalhados? (considere 1 como "fácil" e 5 como "muito complicado").	1	1	2
7. Você usaria roteiros turísticos virtuais como estratégia de ensino em sala de aula?	sim	sim	sim
8. Quais as dificuldades em aplicar este tipo de aula?	o tempo de aula e a compreensão dos estudantes acerca da proposta.	disponibilidade de infraestrutura tecnológica.	relacionar os conteúdos com os locais; controle de sala de aula.
9. Tem alguma observação a fazer?			

O docente 3 destaca que a metodologia é “muito abrangente em seus pontos”. Em sua visão, as diversas formas de apresentação de roteiros dificulta a

elaboração de uma aula “dinâmica e consisa”. Neste último caso, observa-se que delimitar a metodologia a deixaria mais compreensível e facilitaria o trabalho do professor. Já a docente dois considera que as informações são suficientes. A docente 2, informou que a proposta, principalmente levando em consideração o cenário pandêmico e de possíveis outros casos virais, é interessante, visto que muda a rotina da sala de aula. Ainda segundo ela, a ideia proporciona um bom enriquecimento cultural, especialmente para alunos que não têm a oportunidade de acessar equipamentos culturais. Ela aponta para a necessidade de o professor conhecer bem o espaço para conseguir aplicar o roteiro em sala de aula.

8. Conclusão

Os estudos mostram que o turismo pode ser considerado uma ferramenta de transformação social dado seu poder de conectar povos, desenvolver a economia local e estimular a preservação cultural e ambiental (OMT, 2021; IGNARRA, 2013; CORIOLANO, 2012). Neste sentido, é possível identificar uma afinidade com a educação, apontada por muitos como o principal meio para resolução de problemas sociais. Percebe-se, portanto, que a interligação dessas duas áreas é de grande relevância para o desenvolvimento de uma sociedade harmônica e igualitária (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012; RODRIGUES; ALVES, 2014; GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012).

O turismo pedagógico aparece como uma inovadora estratégia de ensino-aprendizagem, já que aproxima os alunos de elementos vistos apenas em sala de aula, desenvolve a consciência ambiental, o enriquecimento cultural e o prazer na aprendizagem através de visitas a espaços turísticos. Contudo, muitas dificuldades são encontradas pelas escolas no planejamento e execução de roteiros presenciais, como por exemplo, o acesso a locais por falta de transporte e/ou distância, logística de gestão de turmas e o planejamento correto para que as visitas realmente sirvam como meio de aprendizagem. Deste modo, os roteiros virtuais de turismo pedagógico surgem como uma solução para tais problemas.

Além disso, a utilização de roteiros virtuais aproximam ainda mais as TICs da sala de aula, permitindo que os discentes tenham um acesso maior à tecnologias muito presentes na sociedade atual. Isso acontece porque o método vai de encontro às práticas de ensino híbrido, equilibrando o ambiente físico com o ciberespaço.

É importante compreender que para desenvolver roteiros pedagógicos, se faz necessário um trabalho em conjunto entre profissionais das áreas de educação e turismo. A proposta de elaborar uma metodologia para incentivar a utilização de roteiros turísticos como método de ensino, o uso das TICs nas escolas e auxiliar profissionais da educação na elaboração das aulas mostra-se promissora.

O projeto busca praticidade para que docentes consigam desenvolver roteiros mesmo sem a presença de turismólogos ou gestores de turismo. O produto foi

construído tendo como base conceitos de roteirização e coreografias didáticas de forma a aproximar o turismo do cotidiano dos professores. Deste modo, a elaboração de roteiros pedagógicos se assemelha à produção de um plano de aula.

Além de praticidade, pretende-se oferecer uma metodologia capaz de ser aplicada em diversos espaços. Entendendo a desigualdade no sistema educacional brasileiro e a discrepância quanto à disponibilidade de infraestrutura tecnológica nas escolas, percebe-se uma necessidade de democratizar o projeto, alcançando as mais diversas realidades. Por isso, o produto final conta com múltiplos exemplos de como elaborar e apresentar roteiros virtuais utilizando vários tipos de equipamentos tecnológicos.

A pesquisa realizada com professores trouxe uma resposta positiva para a principal questão: os profissionais da educação realmente utilizariam esta metodologia em sala de aula? Isso destaca a importância de trabalhar o tema para difusão deste método turístico e pedagógico. Além disso, ajudou a identificar formas de simplificar a metodologia, já que a falta de tempo é um problema relatado pelos participantes da pesquisa. Foi visto que incluir conceitos de turismo pedagógico virtual no material de apoio é importante para melhorar a compreensão do trabalho.

A partir dos resultados preliminares, identificam-se pontos que podem ser melhor trabalhados, a metodologia precisa ser aplicada em mais escolas observando sua utilização em outras realidades. Pelo que se propõe, o método mostra-se inovador e é o ponto de partida para estudos que aprimorem a técnica.

Referência

AMARAL, Mirian Maia do; SANTOS, Rosemary dos. Coreografias didáticas e inovações pedagógicas contemporâneas para uma educação emancipadora. **Educar em Revista**, [S.L.], v. 36, p. 1-20, dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.76119>. Acesso em: 05 nov. 2021.

BACICH, L, C, M. **Ensino Híbrido**: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem.. p. 679-687, 2016. Disponível em: <<https://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/6875>>. Acesso em: 26 de maio de 2021.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed. São Paulo: Senac, 2007.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. POR UMA PEDAGOGIA DIFERENCIADA: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação**, Eletrônica, v. 12, n. 1, p. 114-129, Não é um mês valido! 2010. Disponível em: file:///C:/Users/joser/Downloads/1127-4099-1-PB.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2020**: notas estatísticas. Brasília, DF: INEP, 2021. Disponível em: [Censo da Educação Básica 2020_Notas Estatísticas.indd](http://inep.gov.br/Censo-da-Educacao-Basica-2020-Notas-Estatisticas) (inep.gov.br). Acesso em: 06 abr. 2022.

BRITO, M. S.A Singularidade Pedagógica do Ensino Híbrido. **EaD em Foco**, V10, e948. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i1948>

CARDOSO, Helen Rodrigues; GATTIBONI, Maria de Lourdes Soares. TURISMO PEDAGÓGICO:: uma alternativa para integração cu. **Professare**, Caçador, v. 4, n. 1, p. 85-110, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/issue/view/31>. Acesso em: 26 out. 2021.

CASTRO, Jorge Abrahão de. EVOLUÇÃO E DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 108, p. 673-697, out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Py9jLMhddTWMfKQtY45L6dy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2021.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC). **TIC Educação 2020 — edição COVID-19, metodologia adaptada**. [S.l.]: CETIC; NIC; CGI, 31 ago. 2021a. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_educacao_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC). **TIC Domicílios: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020/> . Acesso em: 22 set. 2022.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice hall, 2007.

CHAER, Galdino *et al.* A técnica do questionário na pesquisa educacional.

Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesqusia_social.pdf. Acesso em: 06 jun. 2022.

CORIOLOANO, Luzia Neide. A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SEABRA, Giovanni; QUEIROZ, Odaléia Telles M. M.. **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa: Editora Universitária da Ufpb, 2012. p. 61-70.

CREPALDE, Neylson João Batista Filho; SILVEIRA, Leonardo Souza. Desempenho universitário no Brasil: estudo sobre desigualdade educacional com dados do enade 2014. **Revista Brasileira de Sociologia - Rbs**, [S.L.], v. 4, n. 7, p. 211, 1 jul. 2016.

Sociedade Brasileira de Sociologia.. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.20336/rbs.155>. Acesso em: 19 set. 2021.

CUNHA, Lincio. Avaliação de Potencial Turístico, COGITUR, **Jornal of Tourism Studies**, 2008.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos como instrumento para elaboração de roteiros turísticos no município de Itabaiana (PB). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.147-163, abr. 2011. Disponível em:

<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/545/274>> acesso em: 06 set. 2021

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Thema**, Lajeado, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

Facebook: secretariadeturismope. Disponível em:

[facebook.com/secretariadeturismodepernambuco](https://www.facebook.com/secretariadeturismodepernambuco). Acesso em: 06 abr. 2022.

Fernandes, A. T. (2002). Poder Local e Turismo Social.

Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, 12, 9-26.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2022.

GOMES, Daiana Silva; MOTA, Karol Monteiro; PERINOTTO, Riani Costa. TURISMO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: a visão dos professores de história em um colégio estadual de parnaíba (piauí, brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 82-103, abr. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v5i1.25326>. Acesso em: 6 set. 2021.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos Do Turismo**. Rio de Janeiro: Senac, 2013.

Instagram: secretariadeturismope. Disponível em: [instagram.com/secretariadeturismope](https://www.instagram.com/secretariadeturismope). Acesso em: 06 abr. 2022.

JUNQUEIRA, Sérgio; SCREMIN, Juliana. Aprendizado Diferenciado: turismo pedagógico no âmbito escolar. **CAD. Est. Pes. Tur**, Curitiba, v. 1, p. 26-42, jan/dez, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KNUPP, Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves. **Fundamentos do turismo**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2015.

LAGE, Beatriz Helena G.. Segmentação do mercado turístico. **Revista Turismo em Análise**, [S.L.], v. 3, n. 2, p. 61, 18 nov. 1992. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v3i2p61-74>. Acesso em: 08 set. 2021.

MARIANI; Milton Augusto Pasquotto. A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SEABRA, Giovanni; QUEIROZ, Odaléia Telles M. M.. **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. João Pessoa: Editora Universitária da Ufpb, 2012. p. 145-155.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. Cap. 1. p. 27-45.

MEHLECKE, Querte Teresinha Conzi. INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS E COREOGRAFIA DIDÁTICAS. **Revista Mosaicum**, [S. L.], v. 15, n. 30, p. 67-70, jul./dez. 2019.

NASCIMENTO, Ernandes Rodrigues do; PADILHA, Maria Auxiliadora Soares. Aprendizagem por meio do ensino híbrido na educação superior: narrando o engajamento dos estudantes. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 20, n. 64, p. 252-271, jan/mar 2020.

NOVO, Benigno Núñez; MOTA, Antonio Rosembergue Pinheiro e. **A educação como instrumento de transformação da sociedade**. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/amp/artigos/75458/a-educacao-como-instrumento-de-transformacao-da-sociedade>. Acesso em: 25 out. 2021.

OSER, F. K.; BAERISWYL, F. J. Choreographies of teaching: bridging instruction to teaching”. In: V. RICHARDSON (Editor): **Handbook of research on teaching**. 4ª. ed. Washington: AREA, 2001.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares et al. Ensino na docência online: um olhar à luz das coreografias didáticas. **Em Teia| Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 1, n. 1, 2010.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares; ZABALZA, Miguel Angel. UM CENÁRIO DE INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: EM BUSCA DE UMA COREOGRAFIA DIDÁTICA INOVADORA. **E-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 837-863, jul/set. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 05 nov. 2021.

PASSERO, Guilherme; ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink; DAZZI, Rudimar Luís Scaranto. UMA REVISÃO SOBRE O USO DAS TICS NA EDUCAÇÃO DA GERAÇÃO Z. **Novas Tecnologias na Educação**, [S. L.], v. 14, n. 2, p. 1-8, dez. 2016.

PINHEIRO, Rosane Salviano de Oliveira; SILVA, Gleydimar Pereira da. A IMPORTÂNCIA DO USO DAS TICS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: uso das tics como instrumento facilitador da aprendizagem. **Thought - World Education In Debate**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 217-225, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29327/227764.1.1-24>. Acesso em: 05 nov. 2021.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento The art of literature in search of knowledge. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 53-66, 10 jul. 2012. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rdbci.v10i1.1896>.

PONTILI, Rosângela Maria; KASSOUF, Ana Lúcia. Fatores que afetam a frequência e o atraso escolar nos meios urbano e rural de São Paulo e Pernambuco. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Rio de Janeiro, v. 45, p. 27-47, jan./mar. 2007.

RAMOS, Silvana Pirillo; SANTOS, Angela Meire dos. Traçando itinerários para um turismo de experiência: o caso do caminho lagunar - al. In: RAMOS, Silvana Pirillo. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012. Cap. 1. p. 11-36.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. LUGAR, NÃO LUGAR E REALIDADE VIRTUAL NO TURISMO GLOBALIZADO. **Geography Department, University Of Sao Paulo**, [S.L.], p. 73-78, nov. 2011. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.7154/rdg.1996.0010.0006>. Disponível em: <https://doi.org/10.7154/RDG.1996.0010.0006>. Acesso em: 26 mai. 2021.

RODRIGUES, Emanuelle; ALVES, Kerley dos Santos. Turismo pedagógico: busca por novos significados para a escola. **Revista Cenário**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 131-151, 12 dez. 2014. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/revistacenario.v2i3.18407>. Acesso em: 08 set. 2021.

SEMINÁRIO DA ANPTUR, 2016, São Paulo. **Turismo pedagógico**: uma práxis transdisciplinar entre o turismo e a pedagogia. São Paulo: Anptur, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/639.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

SILVA, Admilson Alcantara. Abordagens de Otimização para apoiar a Elaboração e Análise de Roteiros Turísticos. 2017. 155 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

SILVA, Thallis Sousa. O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ON-LINE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: percepção de docentes do ensino médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1., 2020, Online. **Anais [...]**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1G-V7xhDzVo0wkw2rhdLvmZZPhsDc2HS4>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SIVIANI, Dermeval. **Pedagogia historico-critica**. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOUSA, RP., MOITA, FMCSC., and CARVALHO, ABG., orgs. **Tecnologias digitais na educação** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. ISBN 978-85-7879-124-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

THE British Ecotourism Marke. [Sem Local]: Unwto, 2002. 17 p. Disponível em: <https://haroldgoodwin.info/resources/1223-1.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

Twitter: AracnoC. Disponível em: <https://twitter.com/AracnoC>. Acesso em: 06 abr. 2022.

VASCONCELOS, Teresa. A importância da educação na construção da cidadania. **Saber(e)Educar**. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º12 (2007), p.109-117. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/714>. Acesso em: 27 set. 2022.

V SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - SEMINTUR TURISMO: INOVAÇÕES DA PESQUISA NA AMÉRICA LATINA, 5., 2008, Caixias do Sul. **Turismo Pedagógico em Dourados /MS**: uma atividade educacional. Caixias do Sul: Universidade de Caxias do Sul – Ucs, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15139936-Turismo-pedagogico-em-dourados-ms-uma-atividade-educacional-1.html>. Acesso em: 6 set. 2021.

Anexo A – Formulário

Elaboração de roteiros virtuais de turismo pedagógico

O objetivo deste formulário é entender as experiências dos professores que elaboraram roteiros virtuais de turismo pedagógico, a partir do material disponibilizado.

*Obrigatório

A partir do material apresentado, qual o nível de compreensão da metodologia proposta? *

- fácil
- complicado
- mediano

Você considera que os passos descritos no material de apoio foram suficientes para elaboração da aula? *

- sim
- não

Caso a resposta da pergunta anterior tenha sido "não", informe o que você sentiu falta.

Sua resposta

Qual o nível de compreensão das informações contidas no material de apoio? *

(considere 1 como "fácil" e 5 como "muito complicado").

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> |

Use este espaço para fazer observações quanto a compreensão das informações contidas no material de apoio. (opcional).

Sua resposta

Qual o nível de dificuldade em encontrar locais que tenham relação com os assuntos trabalhados? *

(considere 1 como "fácil" e 5 como "muito complicado").

- | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| <input type="radio"/> |

Você usaria roteiros turísticos virtuais como estratégia de ensino em sala de aula? *

sim

não

Quais as dificuldades em aplicar este tipo de aula? *

Sua resposta

Tem alguma observação a fazer?

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário